

REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA/ABUSO SEXUAL CONTRA MENINOS EM OBRAS DE LITERATURA: ENTRE A DENÚNCIA E A RESISTÊNCIA

REPRESENTATIONS OF SEXUAL VIOLENCE/ABUSE AGAINST BOYS IN
WORKS OF LITERATURE: BETWEEN DENUNCIATION AND RESISTANCE

Cristiano Eduardo da Rosa

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Orientador Pedagógico na Escola SESI de Ensino Médio Albino Marques Gomes (Gravataí/Brasil).
E-mail: cristiano1105@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0036-7892>

Jane Felipe

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
E-mail: janefelipe.souza@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4802-2113>

Recebido em: 29 de julho de 2021

Aprovado em: 21 de setembro de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 19 | n. 2 | p. 269-286 | jul./dez. 2022

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.2753>

RESUMO

Neste artigo analisamos dois livros de literatura brasileira contemporânea que narram memórias de homens que foram abusados sexualmente na infância, investigando como os protagonistas vivenciaram tal experiência e como esta os afetou e afeta na vida adulta. Partindo da perspectiva pós-estruturalista e dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, exploramos os elementos e as estruturas das narrativas das obras "O primeiro estupro: a morte de minha alma" (SILVA, 2020) e "Três Porcos" (LABES, 2020), em especial as ocorrências de violência/abuso sexual em articulação com estatísticas e produções científicas sobre o tema. Observamos que os protagonistas revivem as lembranças de terem sido vítimas de abusadores com diversos fatores associados, como dificuldades nos relacionamentos e problemas com sua sexualidade. Consideramos que esses romances rompem com o silenciamento da temática e se apresentam como formas de denúncia e resistência, debatendo estigmas da infância de homens invisibilizados e tomados por sentimentos de culpa, insegurança, medo, tristeza e vergonha.

Palavras-chave: Violência/abuso sexual. Meninos. Literatura. Gênero. Masculinidades.

ABSTRACT

In this article we analyze two books of contemporary Brazilian literature that narrate memories of men who were sexually abused in childhood, investigating how the protagonists lived such an experience and how it affected and affects them in adult life. From a post-structuralist perspective and from Gender Studies and Cultural Studies, we explore the elements and structures of the narratives of the works "O primeiro estupro: a morte de minha alma" (SILVA, 2020) and "Três Porcos" (LABES, 2020), especially the occurrences of sexual violence/abuse in conjunction with statistics and scientific productions about the subject. We observed that the protagonists relive the memories of being victims of abusers with several associated factors, such as difficulties in relationships and problems with their sexuality. We believe that these novels break with the silencing of the theme and present themselves as forms of denunciation and resistance, debating childhood stigmas of men made invisible and taken by feelings of guilt, insecurity, fear, sadness and shame.

Keywords: Sexual violence/abuse. Boys. Literature. Memories. Gender. Masculinities.

1 EXPLORANDO A VIOLÊNCIA POR MEIO DA LITERATURA

A violência/abuso sexual infantil é uma realidade ainda bastante emergente e subnotificada no Brasil e no mundo, como demonstram os dados apresentados em diversos documentos oficiais do governo. Quando as vítimas são os meninos, acredita-se que essas violações de direitos das crianças são ainda mais veladas, tendo em vista a maneira como eles têm sido educados no sentido de não demonstrarem vulnerabilidades ou mesmo suas emoções, guardando para si experiências e, por vezes, traumas.

Neste artigo, objetivamos problematizar como dois livros de literatura brasileira contemporânea abordam as memórias de homens que foram abusados sexualmente em suas infâncias, investigando como os protagonistas vivenciaram tais experiências e como estas os afetaram, tanto quando crianças quanto na vida adulta. Para isso, foram analisadas as obras "O primeiro estupro: a morte de minha alma – fragmentos", de Joaquim Manoel da Silva, e "Três Porcos", de Marcelo Labes, ambas publicadas no ano de 2020.

A partir de uma perspectiva pós-estruturalista e operando com os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais, analisamos as obras explorando tanto os elementos quanto a estrutura das narrativas, com enfoque especial na situação de violência/abuso sexual. Além disso, propomo-nos a realizar uma articulação de possíveis relações das tramas ficcionais com a nossa realidade, por meio de debate com algumas estatísticas atuais e pesquisas científicas sobre o tema com esse recorte de gênero.

2 OS CASOS SUBNOTIFICADOS E O SILENCIAMENTO DAS MASCULINIDADES

As pesquisas envolvendo violência/abuso sexual contra meninos começaram a surgir somente a partir da década de 1970 (TEWKSBURY, 2007), de modo que nos últimos 15 anos uma produção significativa tem sido realizada no Brasil sobre o tema. Acreditamos que isso possui relação com o fato de que somente em 2009 o Código Penal Brasileiro, na Lei 12.015, passou a considerar meninos também como vítimas de estupro de vulnerável.

Contudo, grande parte das políticas de atendimento e dos estudos produzidos sobre a temática têm se voltado para as vítimas do gênero feminino, pois inegavelmente as meninas e mulheres vêm sofrendo com este problema por conta do machismo estrutural, como têm mostrado as informações publicadas nas últimas edições do Atlas da Violência (2018, 2019, 2020, 2021). No entanto, esse mesmo machismo é responsável também pela invisibilidade das violências cometidas contra os meninos, trazendo da mesma forma muitos impactos para a vida deles. Meninos vítimas de violência/abuso sexual apresentam diversas consequências, principalmente psicológicas, nas relações interpessoais e na escola (PRADO, 2006; PIRES FILHO, 2007; ROSA; FELIPE, 2020).

De acordo com o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), entre 2011 e 2017, 25,8% das crianças vítimas de violência sexual eram do gênero masculino. Segundo o Relatório do Disque 100 de 2019 (BRASIL, 2020), naquele ano as denúncias pelo canal configuraram os meninos como 18% das vítimas de violência sexual. Conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021), entre as ocorrências de estupro e estupro de vulnerável registradas no país em 2020, 13,1% dos casos foram com vítimas masculinas, porém estas chegam a ser 22% na faixa etária entre os zero e os nove anos de idade.

Além dessas estatísticas, também podemos destacar o recente estudo Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019 (IBGE, 2021), que mostrou que, de estudantes entre 13 e 17 anos, 9% dos meninos reportam já terem sido tocados, manipulados, beijados ou passaram por situações de exposição de partes do corpo contra a sua vontade, e 3,7% já foram obrigados a ter relação sexual contra a vontade.

Mesmo, aparentemente, em menor número, os casos de violência sexual masculina ocorrem e necessitam de atenção, ainda mais tendo em vista que os meninos apresentam bastante dificuldade para falar sobre tal violência a que foram submetidos, seja por estarem preocupados com a avaliação de quem está ouvindo ou pelo medo de serem considerados homossexuais (PINTO JR., 2005; HOHENDORFF; HABIGZANG; KOLLER, 2012). A subnotificação de casos fica evidente em pesquisas que se propõem a entrevistar homens sobre a temática e quantificam do total de depoentes aqueles que foram vítimas de abuso na época da infância.

Em recente pesquisa que realizamos (ROSA; FELIPE, 2020), dos 170 homens brasileiros participantes do questionário *online* aplicado, 74 afirmaram terem sido abusados quando crianças, resultando em um percentual de 44% de casos na população investigada. Essa subnotificação estaria ainda diretamente relacionada a como os homens têm sido educados desde a infância, quando são ensinados a não demonstrarem fragilidade, não expressarem suas emoções ou mesmo a não assumirem seus medos e pedirem ajuda, como apontam os resultados do estudo "O Silêncio dos Homens", desenvolvido pelo Instituto PapodeHomem (2019). Justamente por serem meninos, em geral são criados mais soltos, o que os coloca em situação de vulnerabilidade – na pesquisa por nós realizada, a idade mais vulnerável se deu entre os cinco e oito anos (53%) e metade dos casos ocorreu fora de casa.

Além disso, são poucos os livros que têm debatido especificamente sobre a violência/abuso sexual contra meninos; os que encontramos partem de um estudo fenomenológico (PINTO JR., 2005), de análises através do olhar de psicólogo (PIRES FILHO, 2011) e de teorias e propostas de intervenções psicológicas (HOHENDORFF; HABIGZANG; KOLLER, 2014). Apenas uma obra que encontramos debate mais sobre a constituição das masculinidades (CARVALHO, 2020), sendo esta do campo do Serviço Social.

Nesse sentido, evidenciamos a escassez de discussões sobre a temática a partir do campo da Educação, movimento com o qual estamos propostos a realizar, uma vez que o debate sobre violência/abuso sexual se configura como uma das maneiras mais potentes de prevenção.

Por fim, cabe ainda mencionar que na literatura são mais raras ainda as produções que focam nessa discussão. Para além dos dois livros analisados neste artigo, valeria também destacar um terceiro, "Sem medo de falar: relato de uma vítima de pedofilia" (RIBEIRO, 2014), em que o autor, em um exercício autobiográfico, relata um caso pessoal de abuso sexual sofrido na sua infância e que é apenas superado na vida adulta com a ajuda de sua esposa; e o infanto-juvenil "Antônio" (FERREIRA, 2012), como sendo um dos poucos livros para esse público que aborda a temática da violência/abuso sexual com esse recorte de gênero. Nesse sentido, evidenciamos a escassez de discussões sobre a temática a partir do campo da Educação, reiterando a necessidade de investimentos na formação docente para tratarmos de tais questões, uma vez que o debate sobre violência/abuso sexual se configura como uma das maneiras mais potentes de prevenção.

3 DAS PERSPECTIVAS AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de uma perspectiva pós-estruturalista e operando com os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais, analisamos as obras "O primeiro estupro: a morte de minha alma – fragmentos", do gaúcho Joaquim Manoel da Silva, e "Três Porcos", do catarinense Marcelo Labes. Essas produções ganharam certa visibilidade na mídia no ano de 2020, quando foram publicadas, por se tratar de uma temática pouco comum, principalmente no meio literário, que é a violência/abuso sexual contra meninos.

Neste sentido, com a leitura atenta das obras, seguimos os princípios de análise literária propostos por Massaud Moisés (2007), explorando tanto os elementos da narrativa, envolvendo a ação, o tempo, o espaço, as personagens, o ponto de vista e os recursos narrativos, quanto sua estrutura. Tais análises se deram de maneira micro e macro, em que as microestruturas devem ser entendidas como uma rede de signos ou de símbolos, enquanto as macroestruturas são afeitas à "esfera das realidades significadas ou simbolizadas" (MOISÉS, 2007, p. 87).

Além disso, nossa análise trabalhou com três elementos também indicados por Moisés (2007): (i) extrínsecos: aspectos exteriores à obra, contextuais; (ii) formais, que dizem respeito à obra em si; e (iii) intrínsecos, situados no interior do texto, nas entrelinhas. Desta forma, foi possível estabelecer o enfoque de nossa análise na situação de violência/abuso sexual dos protagonistas, investigando dados como a idade das vítimas, o perfil dos/as abusadores/ras, o local e a situação do abuso, a ocorrência de repetição e relatos das vítimas e os fatores associados na infância e vida adulta.

Além disso, propusemo-nos a realizar também uma articulação de possíveis relações das tramas ficcionais com a nossa realidade por meio de debate com algumas estatísticas atuais e pesquisas científicas sobre a violência/abuso sexual infantil com esse recorte de gênero. Nesse sentido, um aspecto importante presente nas duas obras é a interdiscursividade, conceito que está alinhado à “concepção de que os discursos se relacionam a outros discursos” (SILVA, 2014, p. 156), ou seja, os textos constituem-se numa relação de discursos já ditos e outros que ainda estão sendo produzidos acerca da temática central.

Cabe ainda referir que ambas as narrativas poderiam ser consideradas como memórias literárias que, diferentemente de um diário ou de um relato, propõem narrativas que tomam como ponto de partida algumas experiências que foram observadas ou mesmo vividas pelo autor no passado e que são contadas a partir de uma perspectiva no presente. Nesses textos, “ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características” (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA, 2019, p. 87). Sendo assim, a partir da articulação desses recursos, o/a leitor/a é levado/a a ter uma experiência estética particular com a leitura do texto, que busca recordar recuperando o passado para melhor compreender o presente.

4 AS MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS ROUBADAS E VIOLÊNCIAS VELADAS

Observamos que nos dois livros literários explorados, ambos narrados em primeira pessoa, os protagonistas revivem, anos mais tarde, as lembranças de terem sido vítimas de violência/abuso sexual, indicando diversos fatores associados ao trauma, que vão desde sentimentos de culpa, insegurança, medo, tristeza e vergonha, até dificuldades em relacionamentos interpessoais e problemas com a própria sexualidade.

O primeiro livro analisado, “O primeiro estupro: a morte de minha alma – fragmentos”, tem como autor Joaquim Manoel da Silva, pseudônimo de Volnei Tavares, escritor, médico e sociólogo gaúcho, que publicou a obra, de 120 páginas, em setembro de 2020, pela Chiado Books, editora de Lisboa, Portugal. Narrada em primeira pessoa e contando com prefácio, 21 capítulos e posfácio, a trama nos apresenta as memórias de um homem negro que foi abusado entre os cinco e os treze anos de idade.

Em entrevista ao canal da rede social Instagram “Aventuras na História”, em 2 de fevereiro de 2021, o escritor comentou que durante muitos anos trabalhou em um abrigo municipal da cidade de Porto Alegre/RS, onde conviveu com crianças e adolescentes que foram vítimas de violência sexual, fato que o marcou, motivando-o a escrever a obra com base nos relatos que ouvia. Além disso, o autor destacou que esse livro é o primeiro de um projeto de publicação de três volumes, sendo o segundo uma continuação

com o objetivo de tentar mostrar para a vítima que existem algumas saídas para a situação de abuso e o terceiro uma obra poética – ambos estariam em produção de escrita.¹

Logo no prefácio da obra, Silva (2020, p. 12) anuncia em seu texto que o livro é um exercício de empatia. “Proponha-se a sentir. (...) Não há nenhuma polidez. Não há disfarce em ter o corpo rasgado sem que qualquer reação fosse possível, sem – ao menos – entender os acontecimentos, os motivos, os porquês”. O narrador destaca que ali são expostos fragmentos, como recortes de memórias guardadas e retalhos de algo que tenta esquecer.

Toda a narrativa é construída com base em fragmentos de memórias, escritos em capítulos curtos e que apresentam um poema ou uma narrativa poética paralela entre eles, talvez para quem esteja lendo dar uma respirada nas lembranças que o autor nos mostra. Pensamos que para um/a leitor/a que tenha passado por experiências semelhantes, a leitura pode causar alguns incômodos com as descrições detalhadas dos abusos sofridos pelo narrador, além das situações de racismo sofridos na rua e na escola. É importante referir que nenhuma personagem ou localidade são nomeadas no livro.

Como questões fundamentais que atravessam as vivências do protagonista, além de debater gênero e sexualidade, esse livro também discute religião, classe e, em especial, raça, que pode ser percebido quando o menino menciona a suposta naturalização do abuso por conta da cor de sua pele: “Negro, pobre, não podia ser diferente.” (SILVA, 2020, p. 30). Outra questão em debate na obra é a família, que nem educa e nem protege os meninos, mas os ignora. “Nunca perceberam meus olhos inchados, vermelhos, marejados. Nunca perceberam minhas roupas sujas de sangue. Meu sangue parecia não os comover.” (SILVA, 2020, p. 70-71).

A questão do abuso sexual, em certa altura, tornou-se algo repetitivo ao protagonista. E a culpa que este sentia crescer, tanto por não compreender ao certo o que acontecia, quanto pelo julgamento alheio, o que também o fazia evitar relatar as violências que estava sofrendo. “Minha vida resumia-se, então, a ser estuprado e a me esconder. Já era o viadinho da rua, logo, culpado pelos desejos dos rapazes e homens do bairro. Por certo devia gostar ou permitir que me arrastassem para onde quisessem.” (SILVA, 2020, p. 30). No desfecho dessa história percebemos o protagonista, já adulto, envolvido em práticas de prostituição, sempre em busca de alguém que lhe amasse.

Já o segundo livro, “Três Porcos”, é de autoria de Marcelo Labes, escritor catarinense que publicou sua obra, de 192 páginas, em agosto de 2020, pela Caiapontes Edições, de Florianópolis, após campanha *online* de financiamento coletivo, cujo período foi entre junho e agosto de 2020, atingindo 131% da meta

¹ Disponível em: <http://www.instagram.com/tv/CKzWxkSgrPp>. Acesso em: 1 ago. 2021.

de R\$ 10.000,00, com apoio de 240 pessoas.² Narrado em primeira pessoa e contando com prólogo, 41 capítulos e epílogo, por meio da trama conhecemos a infância, a juventude e a vida adulta do protagonista Rafael – filho de um tecelão e de uma empregada doméstica – que, por meio de suas lembranças, passa a se compreender de uma posição de culpado à de vítima do abuso sexual sofrido quando criança.

Em entrevista ao canal do YouTube “Desconcertos Editora”, em 3 de março de 2021, o escritor afirmou que o romance surgiu a partir de outra obra de sua autoria, “Paraíso-Paraguay” (LABES, 2019), premiado como vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020 e com o 2º lugar na categoria Romance de Estreia no Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional de 2019. Na mesma ocasião, o autor declarou que o personagem principal de “Três Porcos” seria ele, sendo o livro uma produção que é construída entre o ficcional e o biográfico.³

Nesta obra, Labes (2020, p. 11) também já no prólogo mobiliza quem lê a refletir sobre a temática abordada no livro: “Há os que não entendem o que houve, ou não aceitam, ou ignoram, e, porque algumas feridas só fazem aumentar e dar lugar a muitas outras, como um câncer agressivo, eles fecham o círculo em volta de si abrindo-o a outras crianças.”

As memórias apresentadas no livro se dividem em três épocas da vida do protagonista: (i) o menino afeminado de bairro; (ii) o jovem acadêmico de Letras; e (iii) o adulto funcionário público. As vivências se situam entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tendo como antagonistas Beto, 18 anos, filho de uma senhora dona de uma casa na qual a mãe de Rafael foi empregada, e Valter, quase 30 anos, um chefe de escoteiros vindo de uma família com dinheiro – sendo estes os dois principais abusadores do personagem central da trama.

A narrativa não linear da história, escrita em discurso direto e indireto e que parte muito das relações de falta com o pai e de separação com a ex-mulher, movimentada-se com certa intensidade e desacomoda quem lê, que vai acompanhando e juntando as pistas para compreender o sentido do título da obra. Além disso, o livro, que possui diversas referências musicais, literárias e cinematográficas, aborda a temática da violência/abuso sexual com suas intersecções para além de gênero e sexualidade, mas também com classe, religião e raça.

O clímax da história acontece quando Rafael, adulto com mais de 30 anos e em uma crise de identidade, começa a se envolver com Bruno, garoto já no final de sua adolescência, que vem a descobrir ser filho de Beto, um dos seus abusadores. A partir de então, ouvindo as histórias de maus-tratos do pai com o

² Disponível em: <http://www.catarse.me/tresporcos>. Acesso em: 1 ago. 2021.

³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1u8AY6215tQ>. Acesso em 1 ago. 2021.

adolescente ao qual o protagonista se afeiçoou, este tem despertado em si um sentimento de vingança, passando a escrever suas experiências em formato de um livro, registrando suas memórias, e desejando a morte aos “porcos” abusadores – cabe referir que os três porcos do título seriam Beto, Valter e o próprio Rafael.

5 A INCOMPREENSÃO, A NEGLIGÊNCIA E A CRISE DE IDENTIDADE

Em ambos os livros, fica evidente como os personagens quando meninos não entendem exatamente o que acontecia quando eram abusados, principalmente nas primeiras vezes. Os abusos eram disfarçados de brincadeiras, como jogos sexuais entre garotos com idades próximas, como ocorre em “Três Porcos”:

- Pode ser, a gente começa no ludo e depois joga outro. Mas tem uma coisa: quem perder tem que beijar o amiguinho.
- Beijar o amiguinho? Como assim?
- Aqui, ô – disse segurando o pau sob o tecido roto da bermuda. – Tem que beijar aqui, passar a língua, chupar o pau do outro. (LABES, 2020, p. 50).

Assim, destacamos como a negligência da família e da escola, nas tramas dos dois livros, fizeram com que os meninos mantivessem os abusos em segredo e que estes se repetissem e, por consequência, amplificassem. Sendo assim, é fundamental que essas duas intuições estejam informadas sobre a temática da violência/abuso sexual a fim de que possam perceber características de um desenvolvimento sexual atípico, reconhecendo alguns sinais que crianças e adolescentes apresentam quando estão sendo abusadas (SANDERSON, 2008).

Em “O Primeiro Estupro”, vemos uma instituição familiar que desampara a criança vítima de violência/abuso sexual, como já mencionado anteriormente; contudo, outras duas também não cumprem seu papel na proteção das infâncias. Uma é a escola, que se apresenta como um espaço desinteressante e hostil: “A escola, realmente, não me dizia qualquer coisa. Nunca despertara meu interesse. Aprendera tudo fora dela.” (SILVA, 2020, p. 43). E a terceira é a igreja, que em vez de acolher, julgava:

Contei a um padre numa confissão. Lágrimas sem fim. Súplica, pedido desesperado de socorro. Ouvi questionamentos sem fim: “mas você nunca quis” perguntou-me com seus olhos diminuídos atrás dos óculos fundos de garrafa. E seguiu “nunca desejou? Você realmente não gosta disso? Nunca provocou os rapazes?”. A seguir, sentenciou: “cometeu um grande pecado! Reze mil ave-marias e pais-nossos e não provoque mais os rapazes”. Tinha nove anos de idade. Santo padre. Santa igreja. Santos homens de bem. O imundo era eu – não havia dúvidas. (SILVA, 2020, p. 38-39).

Além disso, a situação bastante atual de mães que trabalham fora, como no caso do livro “Três Porcos”, e têm que deixar o filho aos cuidados de outros, acaba fomentando a incidência de meninos mais velhos “cuidarem” dos mais novos. Nesse sentido, é interessante observar o que apontam Ana Maria Franchi Pincolini e Cláudio Simon Hutz (2014) em seu estudo, quando evidenciam que, entre abusadores adolescentes, há predomínio do abuso sexual extrafamiliar contra vítimas do sexo masculino, especialmente vizinhos. E nesse cenário de jovens abusadores, estes acabam se configurando como sujeitos que se sentem autorizados a abusar do corpo infantil do menino por ser semelhante ao seu e ter certa intimidade com a criança.

Os livros provocam diversos questionamentos acerca da realidade apresentada, pois como observa José Carlos do Carmo (2020, p. 138), em sua análise sobre a obra “Três Porcos”: “Haveria, em algum momento, alguma preocupação daqueles que praticaram a ação ou alguma dúvida sobre os direitos da criança e dos adolescentes? Como reagir, se o próprio discurso se vê interdito pelos que cometem tais abusos, ameaçando inclusive as vítimas?” A falta de um adulto de confiança também ajudou na manutenção do segredo das violências, pois os protagonistas não se sentiam confortáveis em relatar as agressões sexuais que sofriam. Sobre os meninos que não externalizam seus sentimentos e emoções, em “Três Porcos” o protagonista chega a mencionar que “não podia chorar sobretudo porque homem não chora, afinal.” (LABES, 2020, p. 102).

Acerca da relação entre as masculinidades e o abuso sexual, como destaca Fabiana Aparecida de Carvalho (2020, p. 165), estes “apontam para certa ‘naturalização’ no abuso contra o menino e indicam a necessidade de intensificar a discussão”. Nesse sentido, cabe salientar que “a violência contra meninos não é ‘coisa de homem’ e precisa ser trazida à cena social, para que seja pautada como questão existente e relevante”. Isso fica evidente em passagem de “O Primeiro Estupro”:

lam até o banheiro e esfregavam seus genitais no meu corpo até que chorasse e, então, saiam rindo a apontar-me. Ou então, quando descobriam meus esconderijos secretos no pátio da escola, me cercavam exigindo que atendesse seus desejos adolescentes. Ameaçavam me levar para suas casas. Tudo girava em torno dos seus genitais... O meu era igual... Por que seria uma mulherzinha? Ou seriam ‘as coisas que eu fazia com os meninos.’ (SILVA, 2020, p. 80).

A situação de crianças que mantêm episódios de contato sexual com adultos ou com crianças mais velhas e adolescentes deve ser problematizada pela sociedade, tendo em vista a fase natural do desenvolvimento sexual infantil e a capacidade de se reproduzir atos de violência desde a infância (COSTA, 2019). Seria preciso uma maior consciência sobre o tema da violência/abuso sexual e o estabelecimento

de políticas públicas mais efetivas para enfrentar o problema, frente ao cenário atual do nosso país, que parece não reconhecer a importância dos direitos protetivos da infância, que também passa pela informação por meio da educação sexual que deveria ser ministrada na escola.

No livro “Três Porcos”, há ainda o caso de um abuso cuja agressora era do gênero feminino:

Sentado de frente um para o outro, Letícia pedia que eu introduzisse meu pau dentro dela. Como não soubesse ainda o que era uma vagina, tentava em vão alcançar o lado de dentro.

– Não dá – eu disse, meu pau se amolengando entre meus dedos.

– Tem que achar a entrada – reclamou. – Já fiz isso antes, tem uma hora que vai. (LABES, 2020, p. 62).

Segundo a pesquisa realizada por Rosa e Felipe (2020) sobre violência sexual contra meninos, dos 170 homens que responderam ao questionário, 20% deles referem que foram abusados sexualmente em suas infâncias por mulheres: tias, primas, babás, empregadas e professoras. Tal ato ainda é muito naturalizado em nossa sociedade, que entende que, quando uma mulher mais velha se relaciona sexualmente com um menino mais novo, é para lhe ensinar, fomalizando, assim, sua iniciação sexual. Entretanto, é necessário dar maior visibilidade a esse fenômeno para melhor compreensão da dinâmica da violência sexual, no intuito de minimizar os mitos e preconceitos que tendem a impedir a identificação dessas ocorrências (SETUBAL *et al.*, 2019).

Nesse contexto, também caberia outra passagem do livro “O Primeiro Estupro”, que embasa a importante discussão sobre a questão da ereção espontânea durante o abuso sexual de meninos: “Meu pequeno falo tornava-se rígido a despeito de minha vontade, capaz de produzir líquidos e sensações aterradoras, desconhecidas.” (SILVA, 2020, p. 97). Tal fato tende a deixar as vítimas mais confusas e com a sensação de que foram coniventes, consentindo com a violência; contudo, não é algo intencional e nem diminui a gravidade do abuso sofrido ou mesmo a culpa do/a agressor/a.

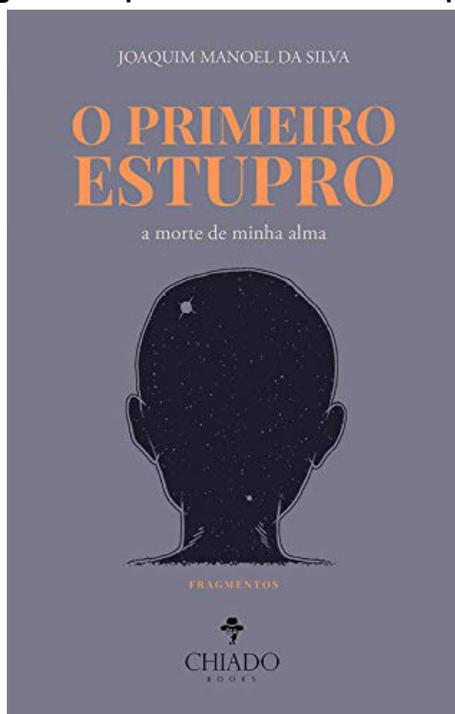
É preciso ainda destacar que ambos os protagonistas dos livros analisados, quando crianças, eram considerados “meninos afeminados”, cabendo aqui discutir e denunciar, assim como apresentam as crônicas da obra “Criança Viada” (MACHADO, 2021), a situação de desemparo familiar, psicológico e social que essas crianças enfrentam em suas infâncias, geralmente solitárias e de descobertas desassistidas. E

aqui é preciso considerar que talvez muitos dos espancamentos e até mesmo assassinatos de meninos estejam ligados ao fato deles terem um jeito considerado afeminado.⁴

A falta de uma educação para a sexualidade, principalmente na família e na escola, acaba vulnerabilizando meninos e meninas, pois podem se tornar vítimas de violência/abuso sexual, principalmente frente à cultura do assédio e do estupro, dentro do que chamamos de pedofilização como uma prática social contemporânea. Tal conceito se refere ao modo como os corpos infantis têm sido erotizados e também as contradições existentes na sociedade atual, “que busca criar leis e sistemas de proteção à infância e adolescência contra a violência/abuso sexual, mas ao mesmo tempo legitima determinadas práticas sociais contemporâneas (...) onde os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora” (FELIPE, 2003, p. 216). No caso dos meninos afeminados, estes seriam entendidos como passíveis de abuso apenas pelo fato de apresentarem traços convencionados como femininos.

Para além dos elementos escritos nos livros, acreditamos que as capas das duas obras também merecem atenção no contexto das suas narrativas, uma vez que a capa “condensa numa única imagem a personalidade do livro, que pode ser uma referência a um momento marcante da narrativa ou um resumo dos acontecimentos” (CARVALHO, 2008, p. 17).

⁴ São exemplos de casos as notícias: “Menino de 8 anos é espancado até a morte pelo pai para ‘andar como homem’”, de 2014 (Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,menino-de-8-anos-e-espancado-ate-a-morte-pelo-pai-para-andar-como-homem,1137536>); “Pai espanca filho de 3 anos que usou batom: ‘Não quero viado em casa’”, de 2019 (Disponível em: <http://www.metropoles.com/brasil/pai-espanca-filho-de-3-anos-que-usou-batom-nao-quer-viado-em-casa>); e “Pai arranca couro cabeludo do filho com faca por achar o corte ‘homossexual’”, de 2021 (Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-03-12/pai-arranca-couro-cabeludo-do-filho-com-faca-por-achar-o-corte-homossexual.html>). Acesso em: 29 jul. 2021.

Figura 1 – Capa do livro “O Primeiro Estupro”

Fonte: SILVA, 2020.

A capa desta primeira obra, com arte de Vasco Duarte, apresenta uma ilustração que nos remete aos casos de depoimentos anônimos em reportagens televisivas, em que vítimas ou testemunhas relatam algo que sofreram ou presenciaram, mas sem se identificarem. Este é o caso da narrativa do referido livro, pois em momento algum os personagens são nomeados. Além disso, as cores utilizadas na capa não são pigmentos vivos, lembrando uma fala do protagonista logo no segundo capítulo: “Sobrevivi? Permanecer vivo é morrer a cada novo dia” (SILVA, 2020, p. 22). O tom laranja do título possui um simbolismo de perigo, tendo em vista que os venenos são representados por uma caveira com essa cor ao fundo; assim como o cinza utilizado como plano de fundo, que é envolto de significados de insensibilidade, indiferença e crueldade, pois seria um meio-termo entre o branco e o preto (HELLER, 2013).

Figura 2 – Capa do livro “Três Porcos”

Fonte: LABES, 2020.

Essa segunda capa foi produzida pelo artista Nestor Jr e faz menção direta ao título do livro, com o animal morto entre flores e moscas. A ilustração remete ao desejo que o protagonista Rafael vai fomentando ao longo da obra: “Este é um livro de vingança.” (LABES, 2020, p. 89). A cor violeta de fundo também pode remeter a sangue ou mesmo a algo que está perdendo vida, como o narrador descreve no último capítulo da obra: “Não disse palavra a esse porco, pois bicho não nos entende com palavras, mas em atos, e porque o cheiro da morte empestava o ar” (LABES, 2020, p. 186). Cabe salientar que essa cor, muito próxima do lilás e da púrpura, adquire um sentido de hematomas e proximidade com os termos “violar” e “violência”, pois possuem uma etimologia em comum (HELLER, 2013).

Como destaca Yasmine Laíse Firmino de Lima (2020), as cores utilizadas nas capas dos livros que se aproximam do campo semântico da temática abordada nas obras são relevantes para a produção de sentidos relativos ao conteúdo das narrativas. Acreditamos que esse seja o caso de “O Primeiro Estupro” (SILVA, 2020) e “Três Porcos” (LABES, 2020), uma vez que ambas as capas operam com matizes de cores e aspectos simbólicos que reforçam significados relativos à violência/abuso sexual e também produzem sensações de abuso e desconforto, relacionando-se diretamente às memórias literárias apresentadas.

Ao discorrer sobre os direitos humanos e a literatura, Antonio Cândido (1988, p. 183) destaca que “a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura”, apontando que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito alienável”. Ou seja, a literatura apresentada nas obras analisadas neste artigo está presente na luta pelos direitos humanos, fazendo parte de um movimento que se pretende transformar o mundo a partir de diferente perspectivas.

6 LITERATURA COMO FORMA DE DENÚNCIA E RESISTÊNCIA

Consideramos que os dois romances literários aqui analisados, “O primeiro estupro: a morte de minha alma – fragmentos” (SILVA, 2020) e “Três Porcos” (LABES, 2020), operam com as memórias de seus protagonistas e discutem as identidades de gênero e sexuais masculinas, assim como as culturas do assédio e do estupro. Da mesma forma, os livros rompem com o silenciamento ao qual a violência/abuso sexual contra meninos é acometida, apresentando-se como forma de dar visibilidade para aumentar o debate e como expressão de resistência e denúncia ao descaso das vítimas masculinas.

A leitura dos dois livros foi uma experiência literária, tendo em vista que, nessa prática, o sujeito que lê estaria tão comprometido com a produção de sentido do romance quanto o próprio autor no momento da escrita. Como aponta Leonardo Pinto de Almeida (2014, p. 143), “ela se diferencia de outras leituras, como a teórica e a informacional, por se caracterizar pelo acolhimento, pela ignorância e pelo entendimento. Ela é contrária à vontade de verdade”. O autor ainda destaca que essa experiência total do ler literário seria fruto de um espaço de ressonância que o corpo do/a leitor/a e o texto produz.

A realidade de homens que foram abusados sexualmente em suas infâncias é, por meio dessa literatura, colocada em problematização, provocando reflexões acerca dessa violência, seu impacto na vida dos sujeitos, e da proteção, e do acolhimento de meninos vítimas. Destacamos, assim, a importância de se pensar tal temática a partir do campo da Educação, refletindo sobre como os meninos (não) têm sido educados para uma sexualidade que leve em conta o respeito pelo outro, a reciprocidade e a possibilidade de escolha. Outro ponto a considerar é que a falta desse conhecimento pode vulnerabilizá-los, tornando-os vítimas em potencial, ou ainda fomentar aprendizados que normalizem o exercício da sexualidade pelo viés da violência, produzindo assim potenciais abusadores (ROSA; FELIPE, 2020).

Ao mesmo tempo, ambos os livros debatem também a pedofilização e alguns estigmas da infância de meninos que são erotizados e invisibilizados, tomados por sentimentos negativos que os acompanham durante toda a sua vida. A experiência do abuso na infância foi por anos “esquecida” pelos personagens

principais das tramas, sendo “reativadas” décadas mais tarde e revividas de modo a voltar a interferir nas suas realidades, evidenciando as crises de identidade com as quais os protagonistas se apresentam. Nesse sentido, acaba se tornando comum a demora de anos para se falar abertamente sobre a violência/ abuso sexual sofrida, tendo em vista a dificuldade do reconhecimento de si como vítima e o incentivo ainda presente na nossa sociedade para uma iniciação sexual precoce nos meninos.

Para além de uma análise literária dos textos, nossa principal intenção foi operar com essas obras no sentido de evidenciar os casos de violência/abuso sexual contra meninos e mostrar como a literatura pode alcançar e sensibilizar diferentes públicos.

Portanto, refletir sobre a temática por meio das duas obras de literatura analisadas foi um exercício de pensar sobre a construção das masculinidades e a opressão a que os meninos e homens estão sujeitos desde a mais tenra idade, além de reconhecermos a importância de uma educação para a sexualidade que deve ser promovida em casa e nas escolas, pois ela envolve, sobretudo, o respeito aos direitos sexuais das crianças que estão em pleno desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. A experiência total da leitura literária. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 143-158, 2014.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Disque Direitos Humanos: Relatório 2019**. Disponível em: http://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019_disque-100.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. v. 49, n. 27, jun. 2018. Disponível em: <http://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARMO, José Carlos Mariano do. O abuso sexual de meninos com a obra *Três Porcos*, de Marcelo Labes. **Revista Communitas**, Cruzeiro do Sul, v. 4, n. 8, p. 120-140, jul./dez. 2020.

CARVALHO, Ana Isabel Silva. **A capa de livro: o objecto, o contexto, o processo**. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Design da Imagem) – Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto, 2008.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. **Homem não chora**: o abuso sexual contra meninos. Jundiaí: Paco Editorial, 2020. 180 p.

CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Anna Helena; ALMEIDA, Neide. **Se bem me lembro...**: caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2019. (Coleção da Olimpíada). 158 p.

COSTA, Adriane Andrade. **Contato sexual entre meninos**: “jogos sexuais” ou violência sexual? 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. São Paulo: FBSP, a. 15, 2021. Disponível em: <http://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v4-bx.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2021.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo o pedófilo? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006.

FERREIRA, Hugo Monteiro. **Antônio**. Ilustrações de Camila Carrossine. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2012. 56 p.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. 311 p.

HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. **Violência sexual contra meninos**: teoria e intervenção. Curitiba: Juruá, 2014. 146 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**: 2019. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 166 p.

LABES, Marcelo. **Paraíso-Paraguay**. Florianópolis: Caiapontes Edições, 2019. 172 p.

LABES, Marcelo. **Três porcos**. Florianópolis: Caiapontes Edições, 2020. 192 p.

LIMA, Yasmine Laíse Firmino de. **A influência da cor na interpretação da mensagem em capas monocromáticas de livros**. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

MACHADO, Ícaro. **Criança Viada**. Maringá: Viseu, 2021. 134 p.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007. 270 p.

PdH. Instituto PapodeHomem. **O Silêncio dos Homens**. Vol. 1, 2019. Disponível em: http://drive.google.com/file/d/1XGdf0zss_Wwsy8Y7jsM7LTdjuDUE7FF/view. Acesso em: 12 jul. 2021.

PINCOLINI, Ana Maria Franchi; HUTZ, Cláudio Simon. Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: Pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 301-311, ago. 2014.

PINTO JR., Antonio Augusto. **Violência sexual doméstica contra meninos**: um estudo fenomenológico. São Paulo: Vetor, 2005. 204 p.

PIRES FILHO, Moacyr Ferreira. **Abuso sexual em meninos**: a violência intrafamiliar através do olhar de psicólogo que atende em instituições. 1ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2011. 130 p.

PRADO, Sonia Fortes do. **Dimensões da violência sexual contra meninos sob a ótica de gênero**: um estudo exploratório. 2006. 215 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RIBEIRO, Marcelo. **Sem medo de falar**: relato de uma vítima de pedofilia. São Paulo: Paralela, 2014. 200 p.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Violência/abuso sexual contra meninos: masculinidades e silenciamentos em debate. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 25, n. 2, p. 144-167, jul./dez. 2020.

SANDERSON, Christiane. **Abuso sexual em crianças**: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. São Paulo: M. Books, 2008. 352 p.

SETUBAL, Cassio Bravin *et al.* "Não pode ser abuso... eu sou a mãe": ofensa sexual materna. **Revista de Psicologia**, Santiago, n. 28, v. 1, p. 1-12, jun. 2019.

SILVA, Jane Quintiliano G. Interdiscursividade. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BRAGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs.). **Glossário CEALE**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p. 156-157.

SILVA, Joaquim Manoel da. **O primeiro estupro**: a morte de minha alma – fragmentos. Lisboa: Chiado Books, 2020. 120 p.

TEWKSBURY, Richard. Effects on Sexual Assaults on Men: Physical, Mental and Sexual Consequences. **International Journal of Men's Health**, v. 6, n. 1, p. 22-35, maio 2007.